A Ecrita Da Luz Das Dissidências De Gênero e Raça A Partir Da Foto(escrevivências)[1]

Pablo Capistrano Gomes[2]
Helen Campos Barbosa[3]
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XIV

RESUMO
Esse trabalho tem como objetivo tensionar as representações hegemônicas sobre/com os corpos negros dissidentes na fotografia e proporcionar novas perspectivas de visibilidades para esses corpos. A fotografia construída sob a ótica colonial perpetua imagens racistas, estereotipadas e binárias. A partir da metodologia da escrevivência (Evaristo, 2020), que nasceu da urgência dos corpos negros de (re)escreverem suas vivências, se vendo, criando mais uma possibilidade de desviar dos caminhos construídos pelo colonialismo. A fotoescrevivência (Neres, 2021) destaca a construção imagética/fotográfica como uma estratégia de desmistificar os estigmas naturalizados aos corpos pretos.
PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades negras 1; gênero e raça 2; fotografia3; decolonialidade4; escrevivência 5;

INTRODUÇÃO

A colonialidade é a continuidade dos mecanismos de poder e de estratégias de dominação mesmo após o término do período histórico da colonização. Estes mecanismos perduram até os dias atuais, controlando corpos, subjetividades, territórios e economias, a partir de uma hierarquização onde o padrão a ser seguido continua sendo o do colonizador. "A colonialidade, entendida enquanto parte constitutiva da modernidade afirma assim sua emergência num contexto da colonialidade e da colonialidade do poder, perpassada por guerra, genocídio e conquista das Américas"[4] (Balestrim APUD Campos, 2018). Em contraponto a essa estrutura, a decolonialidade busca fazer um movimento de desvio como resistência, que consiste em denunciar e se

[1] Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Fotografia e estudos da imagem, evento integrante da programação do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de julho de 2026.
[2]Estudante da graduação do curso de Comunicação Social - Rádio e TV, pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB XIV, e-mail: pablocapistranogmss@gmail.com
[3] Professora do curso de Comunicação Social - Rádio e TV, Universidade do Estado da Bahia, UNEB XIV, e-mail: helenjornalismo@gmail.com
[4] "Atualmente, diversos autores e autoras, situados tanto nos centros quanto nas periferias da produção da geopolítica do conhecimento, questionam o universalismo etnocêntrico, o eurocentrismo teórico, o nacionalismo metodológico, o positivismo epistemológico e o neoliberalismo científico contidos no mainstream das ciências sociais. Essa busca tem informado um conjunto de elaborações denominadas Teorias e Epistemologias do Sul (Santos e Meneses, 2010; Connell, 2007), as quais procuram valorizar e descobrir perspectivas trans-modernas, no sentido de Dussel, para a decolonização das ciências sociais" (BALLESTRIN, 2013, p.109).

contrapor a essa ordem, ao trazer elementos que foram e ainda são marginalizados desde os saberes dos corpos e territórios daqueles que foram colonizados**.**

Diversos(as) autores(as) têm pesquisado métodos para romper com a perspectiva branca e eurocentrada, promovendo uma disrupção das estruturas engendradas pelos colonizadores. O intuito é reconhecer e valorizar as perspectivas daqueles que foram historicamente colonizados, destacando a ancestralidade, a memória, a oralidade, os conhecimentos e as culturas silenciadas. Dessa forma, procura questionar e desfazer o que foi naturalizado pelo padrão colonial, reconstruindo modos de ser, pensar, pesquisar, produzir e existir a partir de outros referenciais.

METODOLOGIA

A masculinidade não é algo fixo, ela é mutável e instável, sendo assim, ela não é natural, pois os padrões de gênero são performáticos e construídos pelas culturas, fazendo com que esses indivíduos se adequem a um modelo, automaticamente reprimindo aqueles corpos que são desviantes e não seguem os padrões da binaridade. Berenice Bento (2014) e Sergio Gomes (2016) afirmam que a heteronormatividade é estabelecida pela medicina e ignoram as pluralidades de identidades, e que essas identidades de gênero cisheteronormativas e a sexual são produzidas pelos nossos ciclos familiares, seja ela pelos nossos pais ou amigos.

Ainda sobre a construção de gênero, Pedro Paulo (2006), se debruça nos estudos de Berenice Bento (2002), e afirma: “Berenice denomina de “dispositivo da transexualidade”, que pode ser observado na intervenção médica que atua, invariavelmente, no sentido de restabelecer a heterossexualidade supostamente perdida ou ameaçada” (Pereira, 2006, p.471.) Esses discursos são fomentados diariamente, porque os pensamentos patriarcais da masculinidade estão ligados à dominação, enquanto o da feminilidade está ligado à submissão, negando a existência de outras formas de performatividades do que é ser um homem e do que é ser uma mulher, além de ignorar as outras expressões de identidades não heteronormativas, como o dos corpos de homens gays, bissexuais, trans e não-binários ou aqueles que não seguem nenhum padrão imposto. Sérgio Gomes (2006) fala em como esse padrão da crise da masculinidade surge após as mudanças sociais e culturais e que vão além do modelo tradicional do que é ser um homem, que se baseia no modelo do homem viril, heterossexual de força, coragem e que tem controle sobre suas emoções.

> Outro sinal dessa crise estaria na compreensão de uma "feminilização do masculino", na maior visibilidade da homo e bissexualidade entre os homens, assim como drag-queens, travestis e transexuais conformaram figuras possíveis na constituição das subjetividades masculinas. (Silva, p. 119)

Quando um homem não segue as normas da heterossexualidade ou expressa a sua identidade de outras formas, ele passa a ser visto como alguém que traiu a sua identidade masculina e seu lugar na sociedade. O gênero é também um dispositivo colonial que entrelaçado aos resquícios de um passado escravocrata, como é o caso do Brasil, memoriza nos corpos, nas estruturas sociais e na cultura o que pode ser denominado como *colonialidade do poder*. Pesquisadoras e pesquisadores localizados na América Latina, afirmam assim resquícios ou continuidades do colonialismo ainda na modernidade a partir do conceito cunhado por Aníbal Quijano, em 1989, como *colonialidade do poder*. Mignolo (2010, p.12) sugere que a matriz colonial do poder "é uma estrutura complexa de níveis entrelaçados", incluindo controle da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, controle do gênero e da sexualidade e por fim o controle da subjetividade e do conhecimento. Uma hierarquia que define quem tem voz e pode falar e de quem deve apenas escutar, os espaços formais de construção do conhecimento, especialmente do ensino superior, e a sociedade nos negam esse lugar de fala e de escuta porque, quando falamos, somos interpretados como corpos raivosos ou só estamos compartilhando experiências, enquanto os brancos compartilham conhecimentos. "Assim que começamos a falar e a proferir conhecimento, nossas vozes são silenciadas por tais comentários, que, na verdade, funcionam como máscaras metafóricas" (Kilomba, 2016 p. 13).

Enquanto um ato de resistência, é acionada nesta pesquisa, a fotografia como elemento principal para contar uma história sobre corpos negros que não performam a heteronormatividade. Indo além da técnica fotográfica, a pesquisa propõe uma estética decolonial. um olhar que busca romper com os estereótipos. Eu, enquanto pesquisador negro e que fujo à heteronormatividade, ao abordar essa escrita, não estou contando apenas a minha história, mas sim, as histórias daqueles que vieram antes de mim e os que poderão vir após mim.

> Enquanto pensava na escrita desse trabalho resolvi me colocar na escrita para além da pessoa que escreve [...] pensava em como a escrevivência poderia caminhar paralelo aos meus trabalhos audiovisuais e processos criativos [...] minha escrita nunca foi solitária e perpassa aquilo que conhecemos tradicionalmente como literatura, já que a fotografia é a escrita com luz e aqui

> escrevemos visualmente símbolos e sentidos traduzidos em tela. (Barbosa, *et al* Simões, *et al* Paixão, 2024)

. A fotografia pode se constituir como um espaço de resistência quando pensada a partir de uma perspectiva decolonial, deixando de ser apenas um retrato do outro capturado exclusivamente pelo olhar do fotógrafo. Nesse sentido, o retrato passa a ser compreendido como um campo de troca e escuta, no qual a pessoa fotografada também é ouvida e participa ativamente da decisão sobre como deseja ser representada na imagem. Fotografar, então, torna-se um exercício de reconhecer e ser reconhecido, configurando-se como uma construção coletiva, já que o corpo-modelo participa efetivamente da elaboração da narrativa de sua própria imagem. A fotografia de retrato, assim, é construída a partir da pessoa que será fotografada, fazendo com que a imagem fale sobre ela e revele camadas que narram sua história. Não se trata de uma abordagem narcisista, mas de um processo que busca conforto, pertencimento e a expressão da personalidade do sujeito fotografado. Desse modo, o retrato se afirma como uma prática construída em conjunto, tanto pelo fotógrafo quanto por quem é fotografado.

> O retrato como fonte de reflexão sobre as particularidades da vida de cada pessoa ainda é um caminho a ser revelado por muitos profissionais da imagem. A produção de retrato requer de nós, fotógrafas e fotógrafos, além de conhecimento técnico, identificar a função do retrato com criatividade, favorecer e revelar fragmentos da personalidade da pessoa fotografada. [...] se tornam interessantes justamente por fazerem parte do cotidiano e porque, infelizmente, a maioria das pessoas não percebe e não valoriza a presença de quem está próximo fisicamente. (Neres, 2021 p. 44)

Então o retrato nasce a partir de uma vivência, que neste caso, a pessoa que será fotografada, partindo de um lugar que não quer apenas fazer um retrato bonito, mas que traga a poesia da personalidade da pessoa, como uma expressão além de pessoal, política. E naturalmente nossas vidas são construídas por performances. Assim, quando naturalmente vamos tirar uma foto nossa, fazemos uma pose totalmente performática para que saímos bonitos naquela foto, porque já temos a ideia do que é considerado uma foto bonita ou feia, então já pensamos nas poses que possivelmente deixarão aquele retrato que acabamos de tirar esteticamente bonito e harmônica.

Assim vem acontecendo com a fotografia decolonial, que vem sendo construída com o intuito de produzir retratos que não são vistos pelo visor fotográfico daqueles que insistem em estereotipar e oprimir aqueles que não são lidos como corpos que também podem ser fotografados. A fotografia conta uma história e artistas visuais como Vilma Neres, Iris Retina Retinta, Luis Baraúna, Marcelo Moreira e Rufai Ismaila são alguns

dos artistas visuais que fazem fotografias visando deslocar esses corpos do lugar que os colonizadores insistem cotidianamente em colocar: no lugar de "o outro". Rompendo com as imagens que reproduzem o imaginário colonial do corpo sofredor e ou com outros estereótipos, mas, partindo de um lugar que valoriza esse corpo como um espelho que reflete a sua própria imagem, como forma de cuidado com aqueles que parecem consigo.

Pensar em uma fotografia palpável e com texturas para ser inclusiva, compreendida e respeitada. Tensionar o que é considerado uma fotografia *clean*, certa e bonita é abrir brechas para novas interpretações que não sejam fixa e única, construindo ideias que fujam do centro binário do que é belo e feio, preto ou branco e homem ou mulher. Fomos ensinados sobre o que é bonito em uma fotografia e como os gêneros devem se comportar diante de uma câmera, isso se dá continuidade até os dias atuais. Esse ensaio é uma possibilidade de fotografia interpretativa ou não, já que a ideia não é que a fotografia seja certa ou errada, é um ensaio que busca desmistificar e desnaturalizar toda uma crença que foi e vem sendo construída há décadas pela colonização sobre os corpos dos "outros". Por isso, vejo esse álbum como um ato político.

Vilma Neres usa o conceito de "escrevivências" pensado e criado pela escritora Conceição Evaristo como apoio para pensar o conceito de fotoescrevivências, cujo objetivo é capturar a subjetividade individual e coletiva, tendo em foco a subjetividade de pessoas negras**.** Vilma Neres (2021) afirma que:

> Essas fotoescrevivências são autoras e autores de uma escrita com a luz que se opõem às práticas estabelecidas historicamente e que ainda preenchem nosso imaginário social com imagens repletos de estereótipos e estigmas em prejuízo e humanidade, reduzindo-nos a seres violentos, preguiçosos, irresponsáveis, bobos, raivosos os, inconsequentes, trapaceiros, objetificados, infantilizados, animalizados, etc. (Neres, 2021)

O presente texto apresenta algumas das fotografias produzidas ao longo do Trabalho de Conclusão de curso, onde parto da compreensão de que a fotografia pode ser usada para denunciar e minimizar com os estigmas naturalizados aos corpos pretos, sendo um operador estético-político. Essas imagens, estão compartilhadas em um site pensado como um acervo decolonial com essas fotografias construídas a partir de atos performáticos e políticos para que as imagens contassem a história dos fotografados e parceiros da pesquisa. Link do site na nota de rodapé.[5]Vilma Neres afirma que "assim

[5] Link para acessar o site

como as imagens têm o poder de naturalizar estigmas, a fotografia enquanto linguagem também pode contribuir para a desnaturalização de condições sociais atreladas a determinados indivíduos" (Neres, 2021).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, H. C, SIMÕES, M. C. G. PAIXÃO, A. S. **CURAdorias afetivas nas travessias afro-diaspóricas – (Desen)moldurar memórias, (Des)ver mundos e Escreviver (re)montagens de si[1].** Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/06282024184533667f2efd03a75.pdf . Acesso em: 03 de dez. de 2024.

BARBOSA, Helen Campos. **Escrevivências de Cantoras negras baianas - A experiência estética genderizada e racializada a partir dos trabalhos autorais de Manuela Rodrigues, Josyara, Larissa Luz e Luedji Luna.** Acesso em 10 de out, 2025.

BENTO, Berenice. **Transexuais, corpos e próteses.** Disponível em: BENTO, Berenice - TRANSEXUAIS, CORPOS E PRÓTESES | PDF | Transexual | Heterossexualidade. Acesso em 02 de julho de 2025.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos.** In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (Orgs.). Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 27-47. Acesso em: 13 de mai. de 2025.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento: uma palestra performance.** Traduzido por Jessica Oliveira

MIGNOLO, W. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MIGNOLO, W. O controle dos corpos e dos saberes. Entrevista com Walter Mignolo. Tradução André Langer. Revista IHU, São Leopoldo, jul. 2014. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533148-o-controle-dos-corpos-e-dos-saberes-entrevista-com-walter-mignolo Acesso em: 12 maio. 2026.

NERES, Vilma. **A escrita com a luz das fotoescrevivências.** Google Books. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=kA8rEAAAQBAJ&lpg=PP1&hl=pt-PT&pg=PT7#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 7 de nov. de 2024.

PEREIRA, P. P. G.. **A teoria queer e a reinvenção do corpo.** Cadernos Pagu. Campinas, n. PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. 27, p. 469-477, dezembro de 2006. Disponível em: (PDF) **A teoria queer e a Reinvenção do corpo.** Acesso em 02 de dez. de 2024.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. En libro: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.

SILVA, Sérgio Gomes da. **A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista**, 2006, 118-131

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia de Letras. 1983.